

O VAZIO DO  
**TEMPO**

CLAYTON DE LA VIE

Copyright © Clayton De La Vie, 2024

Todos os direitos reservados

Título: O Vazio do Tempo

1. Ficção brasileira 2. literatura brasileira de ficção científica

Siga nas redes sociais: @claytondelavie

# I

## A MISSÃO DA PEREGRINO

A NAVE ESTELAR Peregrino deslizava silenciosamente pelo espaço, sua superfície refletindo a luz distante de um sol desconhecido. A bordo, cinco membros da tripulação enfrentavam a realidade de estarem perdidos em uma vastidão infinita. A missão original, explorar um sistema solar distante em busca de vida extraterrestre, havia se transformado em um pesadelo sem fim. Os instrumentos de navegação haviam falhado, e a comunicação com a Terra fora cortada.

Rafael Rodrigues, o capitão da nave, mantinha um semblante calmo e resoluto, embora a ansiedade estivesse sempre à espreita. Ele sabia que a moral da tripulação dependia de sua liderança. A missão havia sido uma das mais ambiciosas da humanidade, financiada por um consórcio internacional de agências espaciais. O objetivo era encontrar indícios de vida em um exoplaneta na zona habitável de uma estrela semelhante ao Sol. Até aquele

momento, as empreitadas do Governo tinham garantido que a humanidade colonizasse outros planetas, já que a Terra estava super populada, e mesmo em todas essas colônias não havia sinal sequer de outros povos, além dos humanos, e já era hora de radicalizar e concentrar a busca em galáxias mais distantes. No entanto, um mal funcionamento nos sistemas de propulsão quântica os lançara em uma trajetória incerta.

— Capitão, os sensores detectaram uma anomalia temporal a cerca de um ano-luz de nossa posição — informou Dr. Alan Kim, o cientista-chefe da missão, com um tom que misturava surpresa e curiosidade. — Pode ser nossa chance de voltar para casa.

Rafael dirigiu-se à sala de comando, onde o resto da tripulação já estava reunido: Sarah Miller, a engenheira-chefe; Markus Ivanov, o piloto; e Clara Antunes, a médica da missão. A tensão era palpável, mas havia um vislumbre de esperança nos olhos de todos.

— Dr. Alan, o que exatamente estamos vendo? — perguntou Rafael, olhando para os monitores que exibiam uma fenda luminosa no espaço.

— É uma singularidade temporal, uma espécie de buraco de minhoca que poderia nos transportar através do tempo e do espaço. Acreditamos que pode ser uma rota de volta para o nosso sistema solar — explicou Dr. Alan, apontando para os gráficos. — Mas é arriscado. Não sabemos para onde exatamente nos levará.

Rafael ponderou por um momento. A missão já durava quase duas décadas e, sem qualquer meio de comunicação com a central de controle terrestre, a tripulação estava disposta a arriscar o que quer que fosse. Os recursos estavam em seu limite, os equipamentos prestes a colapsar se não agissem logo. Até o casco da aeronave já estava danificado. Àquela altura, perdidos e sem qualquer vislumbre de um destino certo, tudo parecia ser um fio de esperança. Mesmo que ínfimo. O risco era grande, evidentemente, mas as alternativas eram poucas.

— Temos poucos recursos e não podemos continuar vagando indefinidamente — concluiu, enfim. — Preparem a nave para atravessar a singularidade — ordenou, ciente de que esta poderia ser sua última chance.

## II A TRAVESSIA

A PEREGRINO SE aproximou da anomalia temporal com cautela. A tripulação estava em seus postos, cada um focado em suas tarefas, enquanto a nave entrava no campo gravitacional da fenda. A estrutura da nave tremia, os alarmes soavam, mas Rafael manteve a calma.

— Mantenham a formação, vamos atravessar juntos — disse ele, segurando firmemente os controles.

A nave foi envolvida por um brilho intenso. Tudo ao redor parecia distorcido, como se estivessem sendo sugados por um turbilhão de luz e sombras. Rafael sentiu um puxão no estômago, como se a gravidade estivesse sendo esticada e torcida. Inúmeras vezes. De repente, houve um estalo, e a luz se dissipou. A Peregrino estava flutuando novamente no espaço calmo e escuro. Diante deles, pairava um novo mundo. Um planeta majestoso, envolto em nuvens cintilantes, com oceanos azul-turquesa e continentes verdes pontilhados de montanhas altas.

— Status da nave? — perguntou Rafael, tentando esconder o tremor em sua voz.

— Todos os sistemas estão operacionais — respondeu Sarah, verificando os painéis de controle. — Mas os sensores indicam que estamos em um lugar muito diferente.

— Dr. Alan, você consegue identificar nossa localização? — perguntou Rafael.

Dr. Alan analisou os dados nos monitores.

— De acordo com os cálculos, estamos na órbita de um planeta que se assemelha à Terra... mas os dados históricos... estranho... simplesmente não batem. A posição das estrelas está errada.

Imediatamente, o cientista desabotoou os cintos, se dirigiu a um dos armários dentro da sala de comando, pegou um mapa estelar antigo e o estendeu sobre a mesa. Ajustou o mapa em cima da mesa, enquanto os demais se entreolhavam.

— Só preciso fazer uma verificação... — murmurou ele. O mapa indica as estrelas vista da Terra.

Clara cerrou os punhos e se inclinou sobre a mesa.

— Você não tá considerando que... — ia falando ela.

— Não, não é possível, Clara — interveio Markus. — Você conhece os cálculos da nossa posição.

— Mas não se esqueça que muitos dos nossos conceitos básicos já se mostraram falsos nesta viagem. Estamos andando em círculos há anos!

...

Dr. Alan riu.

— O que você acha, Dr. Alan? — perguntou Rafael, enfim.

— Que vamos desvendar o futuro, pelo passado.

A tripulação ficou em silêncio, absorvendo a magnitude dessa revelação. Markus foi o primeiro a falar.

— Então, estamos na Terra, mas em uma era muito anterior à nossa.

Sarah desviou o olhar do mapa. O seu rosto estava tão tenso que ela poderia desmaiar a qualquer momento.

— Precisamos verificar isso — disse Rafael. — Preparem o módulo de exploração. Vamos descer e investigar.

### III

## UM MUNDO PRIMITIVO

O MÓDULO DE exploração da Peregrino pousou suavemente em uma planície coberta de vegetação baixa e pantanosa. O ar era denso e úmido, cheio de cheiros desconhecidos. A tripulação saiu do módulo, equipada com trajes de exploração que os protegeriam de qualquer organismo potencialmente perigoso.

— Este lugar é surreal — comentou Sarah, olhando ao redor. — Tão... primordial.

A equipe começou a coletar amostras de solo e água, examinando a flora e a fauna. Dr. Alan ficou fascinado com a simplicidade dos organismos encontrados e tecia comentários de como eram principalmente bactérias e algas primitivas, muito similares a algum período muito antigo da história da Terra.

Enquanto exploravam, Markus encontrou algo que chamou sua atenção.

— Capitão, venha ver isso!

Enquanto Rafael e Dr. Alan se aproximavam, Markus não pôde deixar de se esticar sobre o lago para observar mais atentamente o que havia chamado sua atenção. No fundo das águas cristalinas, brilhava intensamente o que parecia ser uma cápsula de metal, coberta por sedimentos, que cuidadosamente foi retirada do lago pela equipe e levada de volta para o módulo.

A cápsula de metal resgatada do fundo do lago era um enigma para a tripulação da Peregrino. Depois de meticulosamente limpa, revelou-se um artefato extraordinário, meticulosamente preservado pelos anos que passaram desde que foi selado. Era claramente de origem tecnológica avançada, contrastando vividamente com o ambiente primitivo ao seu redor. E, enquanto os cientistas a bordo examinavam o artefato, ficou claro que não era de fabricação terrestre atual nem de qualquer tecnologia conhecida por nenhum deles até então. As inscrições gravadas na superfície metálica eram intrincadas e completamente estranhas para os padrões humanos. Dr. Alan especulou que poderia ser um dispositivo de armazenamento de dados ou talvez uma amostra de tecnologia precursora.

— A precisão e a complexidade desse artefato são impressionantes — observou Markus, enquanto ajustava os instrumentos de digitalização sobre a cápsula. — Parece conter algum tipo de informação codificada. Talvez seja um registro do passado deste planeta antes da vida.

Enquanto a equipe se empenhava em decifrar os segredos da cápsula, Clara começou a catalogar as descobertas biológicas do local. Ela encontrou evidências de organismos microscópicos que se assemelhavam a formas de vida terrestres muito primitivas, sugerindo que este planeta estava nos estágios iniciais de sua evolução biológica. O capitão Rafael, sempre focado na segurança da missão, insistiu que todas as precauções fossem tomadas ao manusear tanto os artefatos quanto as amostras coletadas. Afinal, eles eram visitantes em um mundo que aparentemente precedia a vida inteligente e não podiam deixar nada ao acaso.

Enquanto os dias se transformavam em semanas, a Peregrino continuava sua exploração metódica. Cada descoberta era mais fascinante do que a anterior, revelando não apenas a história antiga deste planeta desconhecido, mas também levantando questões sobre como esses artefatos e

organismos se relacionavam com a evolução do universo. A atmosfera deste mundo era um milagre por si só. Análises preliminares indicavam que o oxigênio era abundante e os níveis de gases tóxicos eram mínimos, surpreendentemente adequados para a respiração humana sem a necessidade de trajes de proteção. A equipe de Rafael sentia-se eufórica com a perspectiva de explorar livremente, sem as limitações dos confinamentos do módulo de exploração ou dos trajes espaciais. No entanto, essa dádiva trazia consigo novos desafios. Enquanto desbravavam as vastas paisagens, eles se deparavam com criaturas exóticas e plantas que desafiavam sua compreensão. Cada passo adiante era um mergulho mais profundo em um mundo que, apesar de acolhedor à primeira vista, escondia mistérios e perigos desconhecidos. Rafael até cortou seu dedo com espinhos em determinada ocasião ao coletar dados de algumas plantas.

— Estamos diante de um tesouro de conhecimento — refletiu Dr. Alan em uma de suas muitas noites de estudo. — Esta cápsula pode conter as respostas para perguntas que nem mesmo sabíamos que deveríamos fazer.

À medida que a equipe se aprofundava nas complexidades desse mundo antigo, crescia a

percepção de que a viagem através do buraco de minhoca não era apenas uma oportunidade de explorar o tempo, mas também um lembrete da fragilidade e da beleza do cosmos. Cada descoberta era um novo capítulo na história não apenas da Terra, mas também da humanidade e de sua busca incansável pelo desconhecido. Eles haviam percorrido um caminho muito extenso nos anos de viagem e, até aquele momento, ainda não tinham se dado conta de que a caminhada era ainda maior, mais extraordinária do que jamais poderiam sonhar.

E assim, enquanto o sol se punha sobre a paisagem primitiva e misteriosa, a tripulação da Peregrino continuava sua jornada de descoberta, ciente de que estavam testemunhando um momento único na vastidão do espaço e do tempo. A cápsula de metal, agora aberta e já um pouco estudada, era um farol de luz na escuridão do passado, guiando-os através dos mistérios que ainda aguardavam ser desvendados.

## IV A ESCOLHA DO CAPITÃO

NO ENTANTO, CONFORME o tempo passava e os recursos da Peregrino se esgotavam, a esperança de retorno ao seu tempo original começou a desvanecer. A singularidade temporal que os trouxera para este mundo parecia ser um ponto de não retorno. As tentativas de comunicação com a Terra que conheciam ou de encontrar uma nova rota através do espaço-tempo falharam repetidamente. A tensão na nave aumentava. Os suprimentos estavam se esgotando rapidamente, e a tripulação começava a enfrentar o desespero da situação. Em uma reunião de emergência na sala de comando, Rafael enfrentou a dura realidade com sua equipe.

— Estamos presos aqui — afirmou ele, sua voz ecoando resignação e determinação ao mesmo tempo. — Não encontramos uma saída viável para retornar ao nosso tempo. Nossas opções estão se esgotando.

Sarah Miller, sempre pragmática, interveio:

— Mas ainda temos a cápsula. Ela é nossa única conexão com o que pode existir além deste ponto no tempo.

Dr. Alan olhou pensativo para o artefato ao seu lado.

— A cápsula contém uma tecnologia que ainda não conseguimos compreender completamente. Talvez haja uma maneira de utilizá-la para rompermos este impasse...

— E se não houver uma maneira? — perguntou Markus, que estava sentado no fundo da sala, mais afastado dos demais, taciturno. — Estamos condenados a viver o resto de nossas vidas neste mundo primitivo?

O silêncio pesado pairou sobre a sala enquanto a gravidade da situação se impunha sobre todos. Cada membro da tripulação sabia que estavam diante de uma decisão que mudaria o curso de suas vidas para sempre. Rafael, tentando disfarçar a inquietação que sentia, coçou disfarçadamente o braço. Um leve arrepio percorreu sua espinha.

— Se essa for mesmo a Terra que conhecemos, poderíamos ser os primeiros humanos... — disse Clara. — Ou podemos acabar mortos.

Rafael olhou para ela, para o Dr. Alan e depois para todos os outros. Ele suspirou. Por que não? Por que continuar? Não havia resposta. Até mesmo um positivista como ele desistia quando todos os fatos iam contra tudo o que acreditava. Então olhou para os relatórios na mesa, relatórios de rotina, escritos em terminologia. Relatórios sobre um planeta primitivo tão similar à sua Terra e mesmo assim tão diferente.

E então, de repente, a resposta óbvia e satisfatória veio a ele. Os fatores se encaixaram no lugar, e ele se perguntou por que não tinha pensado neles há muito tempo. Ele olhou para cima a partir dos relatórios, para os tripulantes que, mesmo sem demonstrar sabia que estavam à beira do pânico, e soube o que dizer para acalmá-los.

— Não! — ele berrou. — Vocês estão errados. Não há razão alguma para acreditar que a nossa espécie esteja ou deva ser morta!

Todos o observaram com atenção.

— A gente está esquecendo algo fundamental — disse, apontando para a cápsula na mesa.

— Você quer dizer... — disse Sarah. — que acredita que outras pessoas ficaram presas na

mesma armadilha que caíamos... que pode haver outros *neste tempo também?*

— Definitivamente não fomos os únicos a pousar nesse planeta. E, dificilmente, quem deixou essa cápsula conseguiu escapar daqui. Mesmo que tenham saído, podem ter colonizado planetas vizinhos. De qualquer forma, podemos procurá-los.

— Não — Markus sacudiu a cabeça — Se qualquer um deles tivesse começado a sua viagem depois da gente, os nossos caminhos deveriam ter se cruzado. E nunca cruzou. Nunca achamos nenhuma evidência de outra expedição. Mesmo que haja outra, mesmo que existam colônias por aí, podemos passar mais cinquenta anos procurando.

— Bem — Clara sussurrou —, e por que não? Isso nos daria algo para procurar.

Rafael olhava os rostos da tripulação, se enchendo de esperança e alegria, enquanto ele mesmo não sentia nada daquilo. Nem ele esperava encontrar qualquer vida que fosse naquele mundo inóspito. Embora soubesse, sim, que a cápsula era trabalho humano, havia motivos para acreditar que quem quer que a tenha deixado ali já não estava mais naquele planeta. Até mesmo a vegetação era indício de que não havia animais, muito menos pessoas, por

perto. Os relatórios indicavam rudimentarismo em todos os tipos de coleta. Se mais alguma tripulação tivesse se perdido ali, o primeiro a se fazer seria cultivar agricultura. As naves tinham sementes das mais variadas para cultivo. E aquele solo era fértil para o plantio, no entanto não havia nada disso. Ele considerava traçar uma rota nova para tentar voltar. Mas arriscaria ainda mais a vida dos seus companheiros. Os recursos da nave já estavam limitados ao extremo. Uma viagem no espaço, sem rumo, sem qualquer comunicação com a torre de controle seria suicídio.

\*

— Você fez um ótimo trabalho acalmando eles — Sarah sussurrou no ouvido de Rafael, enquanto ele se perdia em pensamentos andando pelos corredores do módulo de exploração.

— Do que... — se engasgou. — Do que você está falando?

— Você sabe que não precisa desse joguinho comigo, né, ca-pi-tão — sorria maliciosamente ela, enquanto dedilhava o peitoral dele, subindo até seu queixo, onde se formava uma barba por fazer.

— Eu não gosto das suas insinuações sobre meu trabalho, Sarah — repreendeu ele, corado.

— É só das insinuações sobre o trabalho que você não gosta, eu percebo. Mas não precisa esconder seus pensamentos de mim, capitão. Você não acredita mesmo que não estamos sós.

— A cápsula...

— A última varredura não deixa dúvidas. Ela estava nesse planeta há mais de um século.

...

— Se houvesse gente por aqui, teríamos visto uma civilização se desenvolvendo. E, considerando a tecnologia da cápsula em si, essa civilização não estaria se escondendo nas cavernas.

Ela se encostou na parede, suspirou. Seus olhos encontraram os dele. E havia tristeza.

— Sarah...

— A gente só tem duas opções. Ficar aqui e tornar esse o nosso lar. Ou tentar voltar. Arriscar tudo o que temos em um destino incerto. A anomalia...

Rafael deu um sorriso amarelo.

— Você não percebe a ironia, né? A base da nossa doutrina é que anomalias não são permitidas em um mundo de gente perfeita. E uma anomalia pode ter nos salvado. Se não tivéssemos encontrado

aquele buraco de minhoca, à essa altura já estaríamos mortos.

— Se não tomarmos uma decisão rápido, não acho que viveremos muito mais tempo. Já fizemos os reparos em todos os nossos sistemas. O casco danificado já foi consertado. E nesse momento Clara está coletando mantimentos, frutos que ela já categorizou como seguros, sem organismos danosos à nossa saúde. Podemos deixar esse planeta pra trás.

Rafael olhou ao redor, viu que não havia ninguém perto deles e que os comunicadores nesta parte da nave estavam desligados. Só então respondeu.

— Não podemos deixar esse planeta pra trás, Sarah...

— Me conte.

— Quando estivermos lá fora.

Desceram a sinuosa rampa que conduzia ao interior da nave. Ali estava deserto. Eles deixaram os corredores abafados e logo andavam sobre as diversas placas de metal do interior da nave, o seu núcleo, onde a energia era convertida, onde estavam as divisões de reciclagem, passaram diante dos alojamentos até pisar na grama daquele planeta. Não havia nem o barulho de pássaros, nem de grilos, a luz

de uma lua começava a cintilar no céu, embora ainda estivesse claro.

Os dois então se aproximaram do oceano, onde as ondas arrebatavam ruidosamente. Os salpicos quentes da água do mar contra os seus rostos, tão quentes quanto o finalzinho de tarde.

— O que você não está nos contando? — pediu ela.

Rafael então levantou levemente as mangas da sua camisa. O antebraço mostrava veias roxas pulsando, praticamente saltando de sua pele, enquanto um olhar de pavor dominava o rosto de Sarah.

— Nós fomos expostos.

Rafael finalmente admitiu, seu tom pesado como a gravidade desconhecida do planeta sobre eles. Sarah recuou instintivamente, seus olhos se estreitando em alarme. Puxou sua manga também, verificou seus braços: limpos.

— Uma bactéria?

Rafael assentiu, sua expressão séria.

— A varredura inicial não detectou nada porque ela é... diferente. Não é um organismo comum. Parece ter uma afinidade por nosso sistema nervoso. A princípio, não sentimos nada além de

um leve desconforto, mas não sabemos as consequências a longo prazo.

Sarah respirou fundo, tentando manter a calma.

— E quanto aos outros? Clara, os outros tripulantes?

Rafael olhou para o horizonte, onde o sol se punha sobre o mar agora estranhamente tranquilo.

— Estamos isolados aqui. Não podemos arriscar sair desse planeta sem saber o que é isso. Precisamos descobrir uma cura ou uma maneira de neutralizá-la antes de expor mais alguém.

— Você precisa alertar a todos, principalmente a Clara. Ela pode te ajudar.

Sarah descarrilhou a falar, questionar a quanto tempo os sintomas tinham se apresentado, quais eram os sintomas que ele sentia, qual mudança hormonal estaria passando, qualquer coisa que pudesse ajudar a identificar a bactéria ou talvez eliminá-la. Embora Rafael tenha concordado em alertar a tripulação, ele sabia que as condições eram muito favoráveis e as bactérias se dividiriam e continuariam a se dividir até corroer seu corpo por completo. Ele tinha esperanças de que fosse o único afetado, mas depois das inúmeras perguntas da Sarah

ele se deu conta de que os sintomas tinham aparecido apenas um dia antes.

Ele se questionava se era possível tratar.

Sarah continuava tagarelando sobre como poderiam vencer a bactéria, às vezes até mesmo admitindo a derrota, mais para si mesma do que para Rafael, enquanto lutava para manter a compostura diante da revelação dele. Rafael hesitou por um momento, sua mente girando em busca de uma resposta que não vinha. Ele olhou para os próprios braços, onde as veias roxas pulsavam com uma intensidade cada vez maior. E, não somente isso, ele as sentia se espalhando por seu corpo, mais rapidamente do que o previsto. Até onde ele podia sentir, a bactéria já dominava suas pernas e peitoral também. Àquele ponto, ele já aceitava que não haveria nada a ser feito. Nem sabia, na verdade, se conseguiria voltar vivo até à nave. Num impulso, puxou Sarah para perto de si e a beijou, lentamente, sentindo suas respirações se misturarem ofegantes. As mãos dele apalpavam o corpo dela, delicadamente, saboreando o momento, enquanto ele sentia suas próprias lágrimas escorrendo por seu rosto, entrando pelas laterais dos seus lábios e se perdendo entre as salivas do beijo.

— Eu não acho que vou conseguir contar a eles — disse, enfim se separando do beijo.

O rosto dele estava coberto pelas veias, que brilhavam com o contato das lágrimas. Mas ele sorria, soluçando, engolindo as lágrimas que não paravam de cair. Sarah sentiu o corpo dele amolecer, ainda em seus braços, e desabou de joelhos, acolhendo-o num abraço ainda mais apertado enquanto ele dava seu último suspiro. E ela viu seus próprios braços sendo dominados pela bactéria.

## CURIOSIDADE:

O LIVRO QUE VOCÊ tem nas mãos faz parte do DELAVERSO, o universo expandido de ficção científica de Clayton De La Vie, iniciado em 2020. E você sabia que cada história dentro desse universo é como uma peça de um quebra-cabeça? Desde explorar os segredos que antecederam à ascensão de um mundo perfeito até seguir personagens que desafiam um regime totalitário, cada obra oferece uma visão única e cativante desse universo complexo.

Em cada narrativa, você encontrará personagens enfrentando desafios que revelam as complexidades de uma sociedade onde a diversidade é vista como uma ameaça. Seja desvendando mistérios históricos ou enfrentando entidades misteriosas em cenários pós-governo, essas histórias exploram temas como resistência, identidade e as consequências de um mundo que busca a uniformidade a qualquer custo. Embora cada história seja independente, sem necessidade de se ler em uma ordem específica, abaixo está a cronologia de todos os acontecimentos já publicados:

**ANTÍGENO (2021):** Em "Antígeno", os leitores são levados a explorar uma faceta crucial do DELAVERSO, revelando os eventos que antecederam a ascensão de um mundo perfeito que eliminou minorias ao longo dos séculos. A jornada de Miranda, uma jornalista determinada, promete desvendar segredos e intrigas em uma narrativa envolvente que mergulha nas complexidades desse universo distópico.

**O ÚLTIMO RUIVO (2020):** Em um mundo onde a perfeição é a norma e a diversidade é considerada uma ameaça, "O Último Ruivo" mergulha os leitores na jornada de Marcelo, um jovem ruivo com Síndrome de Down, lutando pela sobrevivência em um sistema que o rejeita. A morte suspeita de sua mãe o coloca em uma situação perigosa, forçando-o a confiar em estranhos enquanto desafia um Governo implacável e invisível. A narrativa promete explorar temas de discriminação, resistência e conexões humanas em um cenário distópico implacável.

**O VAZIO DO TEMPO (2024):** Uma trama repleta de suspense, descobertas e reviravoltas que exploram os limites da existência e da sobrevivência em meio ao desconhecido, quando uma equipe de pesquisadores precisa encontrar vida em outro planeta, fora do sistema solar.

**ALIENS, A TERRA NÃO É SÓ OS EUA (2023):** Com uma trama envolvente, repleta de elementos distópico e se passando ao mesmo tempo em que "O Último Ruivo", "Aliens: A Terra Não É Só Os EUA" mergulha os leitores em um mundo onde a perfeição é imperfeita e a normalidade nem sempre é correta. A história de Júlio e seu amor proibido desafia as convenções de uma sociedade fabricada, onde a revolução pode significar tragédia. Este romance promete explorar temas de rebeldia, segredos e ruína em um cenário distópico intrigante.

**AQUI E EM TODOS OS LUGARES (2024):** Em um cenário onde a liberdade é suprimida e o

amor é considerado uma ameaça, "Aqui E Em Todos Os Lugares" acompanha a jornada de Breno e Julio em meio a um romance proibido e desafiador. Essa obra retrata os acontecimentos de "Aliens, A Terra Não É Só Os EUA" pela visão de Breno, que é mais realista com relação aos horrores cometidos pelo Governo. Unidos por sua paixão pela ciência e pela liberdade, os dois jovens enfrentam um regime totalitário que controla até mesmo suas emoções mais íntimas. A narrativa envolvente revela a luta dos protagonistas contra a opressão, a busca pela autenticidade e a resistência silenciosa em um mundo repleto de segredos, perigos e desafios emocionais.

**A ORGANIZAÇÃO (2022):** Em "A Organização", acompanhamos a história de Runa, uma personagem marginalizada que se vê capturada por uma entidade misteriosa conhecida como A Organização. Nesse cenário pós-governo, Runa descobre sua resistência contra uma lavagem cerebral que busca unir mentes em prol de um líder. Com elementos de suspense e intriga, esta obra promete explorar temas de

controle, resistência e poder em um ambiente distópico e sombrio.